

“UNS VALORIZAM, OUTROS DISCRIMINAM”: FAMÍLIA E SOCIEDADE NA PERCEPÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS¹

“ONE VALUE, OTHER DISCRIMINATE”: FAMILY AND SOCIETY IN THE PERCEPTION OF RECYCLABLE MATERIAL COLLECTORS

Renata Souza Rolim²
Karla Maria Damiano Teixeira³
Raquel de Aragão Uchôa Fernandes⁴

1. RESUMO

Os catadores de materiais recicláveis desempenham um importante trabalho socioambiental à medida que reinserem no processo produtivo os materiais que foram descartados pela sociedade. No entanto, são estigmatizados pela sociedade e mesmo família por realizarem um trabalho que os mantém em constante contato com aquilo comumente chamado de lixo. Este artigo tem como objetivo apresentar a percepção dos catadores sobre o entendimento que sua família e a sociedade têm em relação ao seu trabalho. Como procedimento metodológico fez-se o uso de entrevistas semi-estruturadas com 45 catadores de seis organizações, sendo 4 associações e 2 cooperativas localizadas na Região Metropolitana do Recife (RMR). Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. Os resultados apontaram significados opostos, sendo que alguns membros da sociedade e da família reconhecem e valorizam o trabalho dos catadores, e outros, ainda, os estigmatizam. Desse modo, faz-se importante a conscientização da população sobre a importância desses trabalhadores para a sustentabilidade socioambiental.

Palavras-chave: Catadores de materiais recicláveis. Sociedade. Família.

¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada *Catadores, organizações e materiais recicláveis: um estudo na Região Metropolitana do Recife/PE*.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Brasil. <renata.rolim@ufv.br>

³ Ph. D. em Ecologia Humana e Familiar pela Michigan State University, EUA, e Professora Adjunta do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Brasil.

⁴ Dr^a em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, e Professora Adjunta do Departamento de Ciências Domésticas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Brasil.

2. ABSTRACT

The waste pickers play an important environmental work as reinsert the production process the materials that were discarded by society. However, they are stigmatized by society and even family for doing a job that keeps them in constant contact with what commonly called trash. This article aims to present the perception of society and family in the opinion of collectors in relation to the work they develop. As methodological procedure was done using semi-structured interviews with 45 collectors of six organizations, 4 associations and 2 cooperatives located in the Metropolitan Region of Recife (RMR). Data were analyzed using content analysis. The results showed opposite meanings, where some members of society and the family recognize and value the work of collectors, and still others the stigmatize. Thus, it is importante to conscientize the population regarding the importance of these workers to the socioambiental sustentability.

Keywords: Recyclabe materials pickers. Society. Family.

3. INTRODUÇÃO

Coletar materiais recicláveis é uma das formas de trabalho de uma parcela da população em situação de vulnerabilidade social, baixa escolaridade, pouca qualificação profissional e que tem inserção precária no mundo do trabalho (ROLIM e DAMIANO TEIXEIRA, 2012). Segundo Magera (2005), a coleta de materiais recicláveis vem sendo realizada por pessoas organizadas coletivamente em associações ou cooperativas, sendo estas formadas, majoritariamente, por trabalhadores excluídos do mercado formal de trabalho e muitas vezes sem formação educacional.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA – (2013), existem 387.910 catadores no Brasil. No entanto, o IPEA (2013) acredita que o número de catadores de materiais recicláveis seja mais expressivo, pois algumas pessoas podem exercer a atividade de catação paralelamente em conjunto com outras atividades e não declarar a atividade de catação de materiais recicláveis como atividade principal, fazendo-se com que se perda muitas informações sobre esta população.

Enquanto na Europa grande parte do recolhimento se dá por programas de coleta seletiva, no Brasil e em outros países latino-americanos, são os próprios catadores que o fazem (BOSI, 2010).

Desse modo, cabe considerar a importância socioambiental do trabalho dos catadores, pois ao reinserirem os produtos descartáveis em um novo processo de produção com a finalidade de reintroduzi-los no mercado, poupam a matéria-prima virgem que demandaria o fabrico de novos produtos, como também contribuem na redução do uso de água e energia, por exemplo, evitando-se, assim, que esses materiais tenham como destino os aterros sanitários, e/ou lixões, locais onde contaminarão o ar, o solo e os lençóis freáticos (ROLIM e DAMIANO TEIXEIRA, 2012).

Porém, apesar da importância de seu trabalho, muitos desses trabalhadores não têm o reconhecimento social pelo trabalho que realizam, seja por parte do poder público, sociedade ou família, sendo muitas vezes estigmatizados devido o trabalho que realizam, ou seja, por estarem em constante contato com aquilo que foi descartado, chamado comumente de lixo. Para Maciel e Grillo (2009), os catadores ainda são estigmatizados pelo fato do seu trabalho poder ser realizado por qualquer outra pessoa, uma vez que se trata de uma ocupação braçal, entendida como aquela que depende de muito pouco conhecimento adquirido na escola. Além disso, Maciel e Grilo (2009) ainda questionam que alguns catadores causam transtornos aos motoristas devido aos carrinhos utilizados na coleta de materiais recicláveis nas ruas que supostamente atrapalharia na fluidez no trânsito. Assim, esses motivos apontados pelos autores supracitados contribuem ainda mais para o estigma em relação aos catadores.

Gonçalves (2006) propõe a compreensão do trabalho dos catadores de materiais recicláveis a partir da distinção entre lixo e resíduo sólido reciclável, visto que se utiliza comumente a palavra 'lixo' para denominar todo e qualquer resíduo gerado. O autor destaca que, mesmo quando esses trabalhadores realizam seu trabalho sobre a massa total do lixo, ou seja, nos lixões, procuram por objetos compostos por materiais que, apesar de terem sido descartados, podem ter suas qualidades físicas e químicas e, conseqüentemente, seu valor econômico recuperado. Assim, Gonçalves (2006) adverte que os catadores não buscam o lixo, entendido aqui como rejeito⁵.

⁵ De acordo com a Lei nº12.305/2010, art. 3º, XV, rejeitos “são os resíduos sólidos que, depois de esgotadas todas as possibilidades de tratamento e recuperação por processos tecnológicos disponíveis e

“Uns valorizam, outros discriminam”...

O número de catadores de materiais recicláveis vem crescendo cada vez mais e existem poucos estudos sobre esta temática, principalmente em termos regionais, havendo uma carência de estudos na região Nordeste quando comparada às regiões Sul e Sudeste.

Problematiza-se, assim, que faz-se importante conhecer o que pensam os catadores a fim de se obter um melhor embasamento e aprofundamento sobre as questões enfrentadas por eles. Acredita-se que o conhecimento produzido a partir desse conhecimento poderá contribuir para a construção de ações que visem orientar e sensibilizar a sociedade e o poder público para uma mudança de realidade, sendo esta mais justa e minimizadora de desigualdades.

Dessa forma, objetivou-se, nesse artigo, apresentar a percepção dos catadores de materiais recicláveis da Região Metropolitana do Recife (RMR), sobre o entendimento que sua família e a sociedade têm em relação ao seu trabalho. Para tal, inicialmente foi realizada a caracterização sociodemográfica do catador de material reciclável e, a seguir, como a sociedade e a família percebem o trabalho do catador segundo sua própria percepção.

4. REVISÃO DE LITERATURA

A presença de catadores no Brasil não é um fenômeno recente. Segundo Araújo (2012), foram encontrados registros destes trabalhadores entre o final do século XIX e início do século XX – chamados anteriormente de trapeiros – nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Pinhel *et al.* (2011) afirmam que há indícios de reciclagem no começo do século XX, quando algumas pessoas já viviam do comércio de materiais recicláveis no início do processo de industrialização, sendo que o papel já era reciclado, devido à indústria gráfica.

Fé e Faria (2011) explicam que inicialmente a atividade de coletar e vender resíduos era restrita a poucos tipos de produtos, como osso, ferro, alumínio e vidro. Porém, logo alcançou uma gama variada de materiais, incluindo-se papel e papelão, caixas longa vida, metais, plásticos, dentre outros. Assim, Pinhel *et al.* (2011) pontuam

economicamente viáveis, não apresentem outra possibilidade que não a disposição final ambientalmente adequada”.

que à medida que foi se alterando e ampliando o tipo de resíduo gerado, o catador acompanhou essa mudança, passando a coletar os mais variados tipos de recicláveis.

De acordo com Besen (2008), o reconhecimento da atividade de catador de material reciclável pelo Ministério do Trabalho e Emprego se deu no ano de 2002, quando o catador passou a ter os mesmos direitos e obrigações de um trabalhador autônomo. A descrição sumária dos catadores na CBO, sob o número 5192-05, está detalhada da seguinte forma:

Os trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável são responsáveis por coletar material reciclável e reaproveitável, vender material coletado, selecionar material coletado, preparar o material para expedição, realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho, divulgar o trabalho de reciclagem, administrar o trabalho e trabalhar com segurança (BRASIL, 2002).

No entanto, conforme Bortoli (2009), o reconhecimento profissional dos catadores de materiais recicláveis, por meio da CBO,

não implicou mudanças nas condições de vida e trabalho dos catadores, os quais sem vínculo empregatício e sem direitos, ganham, em geral, menos de um salário mínimo, disputam materiais recicláveis com seus pares, não estão inseridos nos sistemas de gestão de resíduos e enfrentam a exploração da indústria da reciclagem (BORTOLI, 2009, p. 106).

Quanto à forma de desenvolvimento do trabalho dos catadores de materiais recicláveis, Magera (2005) constatou que a rotina de trabalho dos catadores muitas vezes ultrapassa o período de 12 horas, sendo uma atividade exaustiva. Além disso, são, muitas vezes, explorados pelos donos de depósitos (sucateiros) que pagam um valor simbólico pelo material coletado por esses, insuficiente para sua própria reprodução como catador de materiais recicláveis (MAGERA, 2005).

Medeiros e Macêdo (2006) corroboram ao explicar que os catadores desenvolvem seu trabalho em condições extremamente precárias, submetendo-se a inúmeros riscos inerentes à sua atividade. Tais riscos se agravam por estarem, muitas vezes, desprovidos de garantias trabalhistas, além de seu trabalho não lhes proporcionar renda suficiente sendo vítimas de preconceitos e pouco reconhecidos socialmente.

Porém, apesar do importante papel sócio ambiental desempenhado pelos catadores ao coletar os recicláveis, eles são marginalizados e estigmatizados pela atividade que realizam, pois têm como objeto de trabalho aquilo que a sociedade de consumo rejeitou, chamado historicamente de lixo. Dessa forma, é atribuída a semântica

negativa do lixo ao sujeito que com ele trabalha, e tira o seu sustento (ROLIM e MASSENA DE MELO, 2010).

Segundo Juncá *et al.* (2000), o lixo simboliza o velho, o que já não serve, o “caos da mistura”, as imperfeições, e por isso, deve ser levado para longe. Gonçalves (2005) corrobora com essa afirmação ao discorrer que a sociedade, ao considerar o lixo como algo inútil, indesejado e desnecessário, estende tais conceitos às pessoas que trabalham diretamente com ele, recebendo assim, os seus estigmas.

O termo estigma é explicado para fazer referência a um atributo profundamente depreciativo. Isso ocorre porque a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e descrever um total de atributos considerados comuns e naturais e, baseando-se nessas concepções, surgem as expectativas normativas. Dessa forma, o estranho é apresentado como aquele que tem um atributo que o torna diferente dos outros, não podendo, assim, ser passível de inclusão. Não considerada uma criatura comum e total, é reduzida a uma pessoa estragada e diminuída (GOFFMAN, 1998).

Rolim *et al.* (2013) acreditam que a semântica seria uma das possíveis justificativas para se tentar explicar o motivo de tanta repulsa pelo trabalho de catação de materiais recicláveis e, conseqüentemente, com os trabalhadores que a têm como trabalho. Maciel e Grillo (2009) explicam que os catadores são quase sempre vistos com negatividade, sendo fonte intensa de humilhações, onde não se trata de uma invisibilidade pelo fato de não percebê-los, mas sendo ignorados, decretando, assim, a não relevância social do outro.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse artigo, de natureza qualitativa, é um recorte da pesquisa de campo desenvolvida na Região Metropolitana do Recife (RMR), estado de Pernambuco. A população estudada foi constituída por 75 catadores de materiais recicláveis⁶ organizados em 4 associações – Associação de Catadores União e Força (ASCUF); Associação dos Recicladores de Olinda (ARO); Associação de Catadores da Dignidade

⁶ Esse número reflete o número de catadores no momento em que se fechou a amostra, o que não quer dizer que tenha permanecido o mesmo quando se retornou às organizações para realizar as entrevistas com os catadores. Cabe ressaltar que, por mais que se tenha buscado organizações que tivessem pouca rotatividade no número de associados, essa é uma variável que não se pode controlar.

de Camaragibe (ACAD) e Associação de Catadores o Verde é a Nossa Vida – e 2 cooperativas – Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis Erick Soares (COOCARES) e Cooperativa de Reciclagem de Plásticos (COOREPLAST).

A amostra foi composta por 45 catadores, cessando-se as entrevistas quando atingido o ponto de saturação⁷. A pesquisa se deu no período entre outubro a dezembro do ano de 2013, sendo iniciada após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Os dados foram coletados por meio de entrevistas fundamentadas em um roteiro semiestruturado, tendo sido gravadas e as falas transcritas para fins de análise para o tratamento dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo, descrita por Bardin (2010, p. 40) como “*um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens*”, não se restringindo apenas à descrição do conteúdo, pois a intenção da análise de conteúdo é “*a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)*”, para que assim, possa se fazer a interpretação das mensagens.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1. Caracterização Sociodemográfica do Catador de Material

Primeiramente, buscou-se traçar o perfil sociodemográfico dos catadores estudados a fim de conhecer os aspectos que os caracterizava.

Dos catadores estudados, 34 (75,6%) eram mulheres e 11 (24,4%) eram homens. Wirth (2009) discorre que embora a catação de materiais recicláveis leve, inicialmente, a se ter uma impressão de que o trabalho é predominantemente masculino, os levantamentos mostram que, no Brasil, o número de mulheres é maior que o de homens em formas organizadas. O MNCR (2013) afirma que entre os 200 mil catadores que

⁷ Ponto de saturação ocorre quando as informações parecem repetir-se e o pesquisador tem a impressão de não mais apreender algo de novo por parte de seus entrevistados, ressaltando que este conscientemente buscou diversificar seus informantes para então, assim, cessar sua coleta com o máximo de segurança.

“Uns valorizam, outros discriminam”...

trabalham em organizações (associações ou cooperativas), 70% são mulheres, o que corrobora com os resultados encontrados.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT/2012), as taxas de desemprego para as mulheres são superiores às taxas dos homens em todo o mundo. Assim, quando as mulheres estão desempregadas, se mostram mais propensas a assumir trabalhos temporários, seja pela necessidade de tornarem-se autônomas e independentes (do lar, do marido ou do pai) ou diante da necessidade de aumentar o seu orçamento familiar (CARVALHAL, 2003).

Em relação à idade, a média foi de 42,8 anos, um pouco acima da idade média das pessoas que têm a catação de materiais recicláveis no Brasil, que está na faixa dos 39,4 anos, mas dentro da faixa da idade média dos catadores do Nordeste, que fica na faixa dos 30 a 49 anos, segundo o IPEA (2013).

Com relação ao estado civil, 51,0% (n=23) se declararam solteiros, 20,0% (n=9) viviam em união consensual, 20,0% (n=9) eram casados; 4,5% (n=2), divorciado; e, 4,5% (n=2), viúvos.

Quanto à raça, 53,4% (n=24) dos catadores entrevistados se autodeclararam “morenos”, termo que não está incluído na classificação de cor/raça do IBGE⁸, e que foi adotado como referencial para a caracterização geral do perfil dos catadores a nível nacional, regional (limitando-se a nordeste) e estadual (focando o estado de Pernambuco), para comparar com dados obtidos através da pesquisa. Outros 22,2% (n=10) dos catadores declararam-se negros; 13,3% (n=6), pardos; e 11,1% (n=5), brancos.

Segundo Ribeiro (2010), ser moreno é não usar o preto, não usar o negro, assim, “é no ‘moreno’ que o ‘pardo’ ganha força e vários tons de pele” (RIBEIRO, 2010. p.69). Dessa forma, diante do considerável percentual de entrevistados que se consideraram morenos, optou-se por reclassificá-los como pardos.

Os dados mostram que a amostra estudada possuíam 40 catadores pretos e pardos (88,9%). Comparando esse dado com a média nacional, regional (Nordeste) e estadual (Pernambuco), 66,1%, 78,0% e 75,3% dos catadores são pretos e pardos, respectivamente. Entre os catadores pretos e pardos, 72,5% (n=29) eram mulheres. De

⁸ O IBGE utiliza a cor/raça branca, preta, amarela, parda e indígena em suas pesquisas do Censo Demográfico.

acordo com o Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego – Sistema PED (2013) – as taxas mais elevadas de desemprego estão entre as mulheres negras em relação aos demais grupos (homens brancos, mulheres brancas e homens negros).

Em relação ao nível de escolaridade dos catadores estudados, constatou-se o que já indicava a literatura, ou seja, o baixo nível de escolaridade, sendo que 13,3% (n=6) eram analfabetos; 26,7% (n=12) possuíam menos de 4 anos de estudos, sendo considerados analfabetos funcionais⁹; 13,3% (n=6) possuíam o Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) completo; 24,4% (n=11), o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) incompleto; 6,7% (n=3), o Ensino Fundamental II completo; 8,9% (n=4), o Ensino Médio Incompleto; e, 6,7% (n=3), o Ensino Médio completo. Esse fato impossibilita-os, muitas vezes, de concorrer por uma vaga dentro do competitivo e disputado mercado de trabalho formal, pois esse busca cada vez mais por profissionais com alto nível de escolaridade e qualificação, assim como, sua ascensão social. Além disso, a educação é fundamental para que os catadores possam melhor gerir administrativamente as organizações nas quais estão inseridos.

Quanto ao número de filhos, os catadores tinham, em média, 3,8 filhos, sendo que das 32 mulheres que tinham filhos, 40,6% (n=13) eram mães solteiras. A presença de filhos dependentes (crianças e adolescentes) é uma realidade nos lares de catadores de materiais recicláveis. Foi possível identificar, através dos relatos dos catadores, que 48,8% (n=22) deles eram os únicos responsáveis pela manutenção das necessidades básicas de seus filhos. De acordo com o MNCR (2013), 700 mil crianças são sustentadas por meio da renda obtida através do trabalho dos catadores de materiais recicláveis.

Ainda sobre os lares dos catadores de materiais recicláveis, 66,7% (n=30) residiam em domicílio com até 4 pessoas, sendo que muitos dos catadores eram os únicos responsáveis pela renda familiar.

A renda familiar média dos catadores foi de R\$ 707,68. No entanto, essa média não condiz com a realidade de todos os catadores, variando de R\$ 200,00 a R\$

⁹ De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/2003) o conceito de analfabeto funcional inclui todas as pessoas com menos de quatro séries de estudos concluídas.

“Uns valorizam, outros discriminam”...

2.300,00. Sendo assim, quatro famílias viviam em situação de extrema pobreza¹⁰, e cinco famílias viviam próximo a esse limiar.

6.2. A Sociedade na Percepção do Catador

O olhar da sociedade em relação ao trabalho do catador de materiais recicláveis é carregado de significados. A maior parte dos catadores entrevistados afirmou que há pessoas que consideram seu trabalho importante (sobretudo pela contribuição de seu trabalho na manutenção da limpeza da cidade), mas também existem aquelas que os discriminam.

Sobre os aspectos positivos atribuídos pela sociedade ao trabalho dos catadores, os mesmos acreditam que isso se deve pela divulgação de seu trabalho nos meios de comunicação e nas escolas, o que tem contribuído para estreitar a relação entre os catadores e a sociedade. Miura e Sawaia (2013) reforçam que, nos últimos anos, o trabalho dos catadores vem ganhando maior visibilidade social na mídia.

Quando questionados sobre a percepção da sociedade em relação ao seu trabalho, um dos catadores expressou:

Olhe, pelas muitas palestras que hoje em dia estamos dando, por estarmos saindo sempre na televisão, por estarmos falando no rádio, hoje em dia já estão considerando o trabalho da gente realmente como um trabalho. Mas antes disso, não era brincadeira não. Ninguém respeitava a gente. Saía na rua com a carroça, reclamavam, gritavam, chamavam a gente de ‘burro sem rabo¹¹’ (risos), tudo isso a gente já aguentou. Hoje não. Hoje está sendo mais social [aceitável], mas por quê? Porque nós estamos por dentro. A gente vai dar palestra nos colégios, a gente fala com os estudantes. Eu sempre vou dar palestras. E quando eu pego aqueles alunos que gostam de fazer brincadeira, eu digo que não é assim não. Eu digo que ‘quem mais ajuda vocês, somos nós. Nós é quem ajudamos vocês. Por que sem os catadores, talvez fosse pior. Aconteceria muito mais enchentes onde você mora, dentro da nossa capital, pois, não é brincadeira 4.000 mil e tantos catadores, catando material reciclado. E se não existisse isso? Aí ele ficava olhando [o estudante]... é, acho que entupiria mais, não é [resposta do estudante]?’. Eu digo ‘justamente. E você sabe quanto tempo um material desse demora para dissolver na natureza? ‘Ah, eu não sei não’ [resposta do estudante]. Aí eu vou ler (...) [o catador leva uma cartilha informando o tempo que cada material demora para se degradar na natureza]. Aí eu digo, ‘Está vendo quanto tempo leva?’ [se referindo ao diálogo que estabelece com os estudantes]. As professoras adoram. (Entrevistado nº 32, sexo masculino, 59 anos, casado,

¹⁰ De acordo com o IPEA (2013) considera-se em situação de extrema pobreza o domicílio em que a soma de todas as rendas correspondentes aos seus integrantes, dividida pela quantidade de moradores no domicílio e dependam dessa renda, seja inferior ao valor de R\$: 70,00.

¹¹ Burro sem rabo é um termo pejorativo para se referir aos catadores que puxam carroças, colocando-se no lugar de um animal quadrúpede.

parado, ensino médio incompleto, membro da Associação o Verde é a Nossa Vida).

Percebe-se, através da fala do catador, que o reconhecimento social de seu trabalho é um processo que se encontra em construção, e vem se dando pela aproximação dos catadores com a sociedade, através de diálogos em que eles podem sensibilizar as pessoas sobre o seu trabalho, apontando as implicações que o descarte inadequado pode causar a todos por atingir o meio ambiente. Esse reconhecimento também está relacionado a como o catador se percebe, se valoriza e reconhece a importância de seu trabalho, conforme está explicitado na fala anterior.

Nesse sentido, a mídia tem um papel importante ao contribuir para a divulgação do trabalho dos catadores, como descrito a seguir na fala de uma das catadoras entrevistadas:

Tem uma radialista lá no bairro onde eu faço coleta que disse que ia divulgar no rádio dela [possivelmente no rádio em que ela trabalha] que tem a coleta na terça-feira para todo mundo juntar o material reciclável. Ela gostou muito. (Entrevistada nº 16, sexo feminino, 40 anos, viúva, negra, ensino fundamental I incompleto, membro da ARO).

Porém, do mesmo modo que há muitas pessoas que reconhecem o trabalho dos atadores, há aqueles que os menosprezam. Esse fato pode ser explicado pelo fato de os catadores trabalharem com aquilo que não é mais considerado útil, como pode ser visto nas falas a seguir:

Uns valorizam, outros discriminam, porque o trabalho como o de catador não é fácil. A gente sabe que o catador ainda não é uma pessoa bem quista. Ele ainda é uma pessoa muito discriminada, é a realidade. (Entrevistada nº 2, sexo feminino, 48 anos, casada, parda, ensino fundamental II incompleto, membro da COOREPLAST).

Que a gente que trabalha com a reciclagem, com lixo, é discriminada pelos outros. Porque sempre tem que fica falando da pessoa que trabalha com lixo. Para muita gente quem trabalha com o lixo não é importante para ninguém. (Entrevistado nº4, sexo masculino, 23 anos, solteiro, pardo, ensino fundamental I incompleto, membro da COOREPLAST).

Horível. Esculhambam: fedorenta, cata lixo. Quando a gente passa, tampa o nariz. (Entrevistada nº 18, sexo feminino, 23 anos, solteira, parda, ensino fundamental II incompleto, membro da ARO).

Segundo os catadores, muitas pessoas os percebem como o pior dos elos da cadeia ecológica – o urubu. O urubu é atraído pela decomposição da matéria orgânica, sendo muito presente nos lixões, local onde os catadores dividiam espaço com esses animais, assim, como ratos, cavalos, cães, entre outros na disputa por recicláveis e estes

“Uns valorizam, outros discriminam”...

últimos por restos de alimentos. Segundo Santos e Silva (2009), a mídia também exerce o papel negativo, contribuindo para a representação negativa dos catadores ao mostrá-los nos lixões, ou quando discute as “profissões-perigo” ou menos valorizadas. Conforme demonstrado na fala de alguns catadores:

Pensa que o cara é um urubu qualquer. Tem muita gente que se acha, não sabe ele o bem que fazemos a sociedade e a ele mesmo. (Entrevistado nº 40, sexo masculino, 46 anos, solteiro, pardo, analfabeto, membro da COOCARES).

Tem gente que acha bom. Mas tem gente que tem muito preconceito. Já me chamaram de cata lixo, lixeira. Já me chamaram até de urubu. (Entrevistada nº 41, sexo feminino, 47 anos, casada, parda, analfabeta, membro da COOCARES).

Apesar da pergunta feita aos catadores ser sobre o que eles achavam que as pessoas pensavam sobre seu trabalho, algumas respostas foram dadas em torno do que as pessoas achavam deles. Entende-se que essa interpretação não deixa de responder ao questionamento inicial, uma vez que, ao terem uma impressão negativa dos catadores, pode-se entender que parte da sociedade não reconhece o trabalho desenvolvido por eles, pois, desconsideram os aspectos positivos do mesmo.

Porém, considera-se ainda, a hipótese de que talvez as pessoas percebam o trabalho dos catadores importante, mas discriminem esses trabalhadores por avaliarem, segundo Miura e Sawaia (2013), sua aparência suja, má vestida, mexerem diretamente com resíduos, com aquilo que foi descartado sem cuidado e identificado como imundície.

Percebe-se nas falas que a discriminação sofrida pelos catadores se dá de diferentes formas, seja por gestos e posturas ou verbalizada, com o objetivo de diminuir o trabalhador, depreciando assim, o ser humano, pura e simplesmente, pela sua ocupação profissional.

Essa imagem, segundo Miura e Sawaia (2013), é construída baseada em significados ideológicos de que o catador é “sinônimo de ladrão, mendigo, malandro, vagabundo, incapaz, e as pessoas se relacionam com ele com base nesses estereótipos” (MIURA e SAWAIA, 2013, p. 334). Além disso, Maciel e Grillo (2009) ressaltam que as ocupações braçais, que dependem muito pouco dos conhecimentos obtidos na escola, são estigmatizadas, pois, segundo os autores, podem ser feitas por qualquer pessoa.

Oliveira (2009) discorre que sentimentos de insegurança e de inferioridade são comuns em grupos de *status* marginalizado, onde eles interiorizam aspectos das imagens negativas vinculadas sobre si. Miura e Sawaia (2013) corroboram explicando que diante dessa humilhação, sentimentos de tristeza são gerados nos humilhados, diminuindo sua potência de ação e aumentando sua potência de padecimento.

Uma das falas dos catadores expressa como eles enfrentam o preconceito sofrido (seja por estarem em constante contato com aquilo que se foi descartado, por trabalharem mal vestidos e sujos, ou por ocuparem uma profissional que hierarquicamente é inferiorizada), sem que isso interfira na interrupção de seu trabalho, como mostra a seguir:

A gente percebe discriminação, mas joga a poeira para cima e pronto, acabou. É o que eu digo sempre para umas [catadoras] que conversam comigo. Eu digo: a gente vive nessa vida porque a gente gosta de trabalhar, a gente já pegou o vício de trabalhar dentro do lixo, já pegou o vício de estar ganhando o seu dinheiro. (Entrevistada nº 22, sexo feminino, 49 anos, solteira, parda, ensino fundamental II incompleto, membro da ARO).

6.3. A Família na Percepção do Catador

De importância para o estudo também foi analisar como a família percebia os catadores segundo os seus relatos.

Questionou-se os catadores sobre o que eles achavam que sua família pensava de seu trabalho, podendo-se constatar que 42,3% (n=19) dos catadores acreditavam que ela tinha uma percepção positiva sobre a atividade que exerciam; 28,9% (n=13), que ela não gostava do seu trabalho; 13,3% (n=6), que ela não pensava nada sobre o seu trabalho; 6,7% (n=3), que ela considerava um trabalho normal; 4,4% (n=2) dos catadores, um trabalho digno; 2,2% (n=1), não souberam responder; e 2,2% (n=1) dos catadores não quiseram opinar sobre essa questão.

Entre aqueles que achavam que sua família tinha uma visão positiva sobre o seu trabalho, explicaram que a família considerava que era importante o desenvolvimento de uma atividade produtiva, sendo o trabalho um meio digno para a sobrevivência. Algumas falas relataram essa questão:

Minha família acha legal, porque ela diz que é melhor do que está parada, porque eu tenho minhas filhas para manter. (Entrevistada nº 1, sexo feminino,

41 anos, solteira, parda, ensino fundamental I incompleto, membro da COOREPLAST).

Ela [família] acha bom. Acha que o trabalho é muito importante na vida do ser humano, seja qual trabalho for. Trabalhando honestamente é o que importa. (Entrevistado nº 3, sexo feminino, 34 anos, solteira, parda, ensino fundamental II completo, membro da COOREPLAST).

Percebe-se, no discurso dos catadores entrevistados que eles associam o trabalho com honestidade, dignidade, afirmando que é melhor estar trabalhando com a catação de materiais recicláveis do que “estar pegando o que é dos outros”, o que remete à opção em seguir padrões morais estabelecidos na sociedade. Maciel e Grillo (2009) discorrem que todas as sociedades possuem metas sociais para que seus indivíduos aprendam desde crianças a julgar como boas, justas e corretas.

Desse modo, os autores supracitados acreditam que a moral é deixada como um legado, particularmente quando se trata de uma família com poucos recursos econômicos e culturais, minimamente organizada (o que os autores chamam de um lar harmonioso). Essa dinâmica tem as instituições como a família e a escola como as principais responsáveis para a reprodução de objetivos sociais considerados bons, justos, honestos e dignos.

Dentre os catadores que consideravam que a família não gostava do seu trabalho, as justificativas foram em torno dos aspectos relacionados à saúde dos catadores, por considerarem o trabalho de catação de recicláveis pesado, cansativo e mal remunerado, assim como pela insegurança do trabalho (considerando à ausência de direitos trabalhistas); e, outros declararam que seus filhos não gostavam do trabalho que realizavam, sobretudo, pelos questionamentos de seus amigos. Dentre as respostas relacionadas à saúde dos catadores, se obteve os seguintes argumentos:

Mamãe sempre diz: “Tu vives doente porque trabalha com esses negócios. Tu não tens mais idade para estar dentro dos lixos” (emocionada). Mas o desemprego é maior do que antes. Hoje se eu for procurar emprego, quem tiver menos idade é empregado. E eu saio desempregada, como fui (emocionada). (Entrevistada nº 12, sexo feminino, 46 anos, divorciada, branca, ensino fundamental I completo, membro da ASCUF).

Meus filhos, porque eu tenho problema de saúde, eu tenho marcapasso, muitos deles dizem: “Mãezinha, saia daquele trabalho, saia dali” [se referindo a fala dos filhos]. Eu digo, olha meu filho, eu só saio do meu trabalho, ou se Deus me livre eu não conseguir mais caminhar, ou se eu morrer, porque eu amo o meu trabalho [...]. Meus filhos, família, até meu ex marido diz: “Tu achas que é futuro trabalhar ali dentro?” [se referindo a fala do ex marido]. Eu digo, olhe não é futuro, mas eu não tenho onde ganhar o meu pão de cada dia, eu tenho que trabalhar ali dentro mesmo. (Entrevistada nº 26, sexo

feminino, 47 anos, solteira, parda, ensino fundamental I incompleto, membro da ACAD).

É sabido que o trabalho de catação de materiais recicláveis é ainda desenvolvido, na maior parte dos casos, sob péssimas condições de trabalho, ou seja, realizado em meio insalubre, sem equipamentos que facilitem suas atividades dentro dos galpões, como esteiras de triagem para que os catadores trabalhem em uma posição mais confortável, ausência de empilhadeiras o que requer grande esforço físico dos catadores para colocar os fardos (de 150 a 250 quilos) de materiais nos caminhões.

Ademais, os catadores estão expostos às variações climáticas, sendo mais recorrente a exposição solar, característica predominante da região estudada. Esses trabalhadores também se expõem a riscos de cortes, perfurações, contaminação por agentes biológicos, e produtos químicos, e este fato se agrava quando os catadores não fazem o uso de EPI's.

Dentre os catadores que explicaram que a família não gostava do trabalho devido à má remuneração e à ausência do registro trabalhista, tem-se o seguinte relato:

Trabalhar no lixão, trabalhar com a reciclagem, o que está ganhando? Não é melhor está trabalhando em uma firma? Em uma coisa que ganha um salário, tem o seu INSS... [se referindo à fala da família] Mas se não apareceu?. (Entrevistada nº 25, sexo feminino, 47 anos, solteira, branca, ensino fundamental I incompleto, membro da ACAD).

A renda da maioria dos catadores pesquisados, obtida através do trabalho de catação era inferior a um 1 salário mínimo, e esta situação se agravava por muitas vezes essa renda ser a única dos lares dos catadores que possuíam membros dependentes desta renda, principalmente crianças e adolescentes. Como os catadores ainda não foram incluídos como assegurados especiais pelo INSS, tampouco podem ser contratados pelas empresas recicladoras, resta-lhes contribuir como trabalhadores autônomos, com contribuição de 11% do salário mínimo, o que oneraria demasiadamente no orçamento familiar da maioria dos catadores. Dessa maneira, muitos não contribuía e, assim, não podiam garantir seus direitos trabalhistas. No entanto, cabe ressaltar que a PNRS por estimular a participação dos catadores na gestão integrada dos resíduos sólidos, permite a contratação das organizações sem, inclusive, a necessidade de licitação.

Em relação às queixas dos filhos sobre seu trabalho, alguns catadores ressaltaram que isso se deve ao sentimento de preconceito que sofrem por parte de seus amigos, como pode ser visto no seguinte depoimento:

Meus filhos não gostam não. Porque muitas vezes eles estão com os amigos, aí os amigos falam: “Tua mãe é bem trabalhadeirazinha, porque tua mãe fica no Sítio Histórico puxando carroça” [se referindo à fala dos amigos dos filhos]. Eles acham que estão zombando, entendeu? Mas não é zombando, é porque eles não gostam. (Entrevistada nº 16, sexo feminino, viúva, negra, ensino fundamental I incompleto, membro da ARO).

A percepção da família sobre o trabalho desenvolvido também está relacionada ao processo de educação e socialização dos filhos. Um dos entrevistados ressaltou a mudança de postura de seu filho em relação ao seu trabalho graças ao trabalho de conscientização deste. Isso foi fruto de sua própria aceitação enquanto catador e de sua conscientização sobre a importância de seu trabalho, como pode ser visto na seguinte fala:

Eles me dão muito apoio no meu trabalho. Eu tenho um diálogo muito grande com eles, principalmente com meus filhos para ensinar a eles. Tinha um que antigamente me criticava um pouquinho. Hoje graças a Deus, ele já está entendendo o que é a reciclagem, o que é o meio ambiente, o que é que a gente faz para o meio ambiente, o quanto nós ajudamos o meio ambiente, entendeu? E ela já entende tudo isso, através das professoras também, né? Aí ele já, eles, me dão todo o apoio nessa parte. (Entrevistado nº 32, sexo masculino, 59 anos, casado, pardo, ensino médio incompleto, membro da Associação o Verde é a Nossa Vida).

Percebe-se que o preconceito e a discriminação se estendem à família dos catadores, onde seus filhos muitas vezes não apoiam seus pais, certamente por internalizar os discursos que inferiorizam os catadores devido ao trabalho que desempenham. Miura e Sawaia (2013) obtiveram dados semelhantes em seu trabalho no que se refere aos filhos dos catadores. As autoras discorreram que os filhos de uma das catadoras pesquisadas deixaram de frequentar a escola por motivo de preconceito por sua mãe ser catadora. Desse modo, Miura e Sawaia (2013) explicam que a escola, o principal local de socialização da criança, passou a ser o local onde eles eram discriminados, julgados, sofriam preconceitos.

Desse modo, percebe-se que além de buscarem formas organizativas por meio de associações e cooperativas por melhores condições de trabalho e de vida, os catadores enfrentam situações parecidas no que se refere à percepção da sua família e da sociedade como um todo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo, pode-se constatar que para os catadores de materiais recicláveis, a percepção da sua família e da sociedade sobre o trabalho que eles realizam

é carregada de significados, muitas vezes ambíguo. Enquanto uns os reconhecem social e profissionalmente, devido o seu trabalho beneficiar a todos de modo geral, há ainda outros os discriminam e menosprezam. Acredita-se que isso ocorre por estarem em constante contato com aquilo que foi descartado como inútil, descartável, imprestável, ou seja, aquilo que comumente é chamado como lixo.

Nesse sentido, mostra-se importante a compreensão dos conceitos lixo e material reciclável para que se possa assimilar que os catadores reinserem no circuito produtivo materiais que possuem valor de troca, que possuem, sobretudo, importância no que se refere a sustentabilidade ambiental, e não o lixo com todos os seus aspectos comumente entendido.

Em relação à percepção da família, segundo a ótica dos catadores, também foi carregada de significados opostos, onde alguns familiares analisam o trabalho dos catadores importante, principalmente por gerar renda, e ser considerado por eles um trabalho digno e honesto, conforme observado nos relatos dos entrevistados, e, outros familiares tinham uma visão negativa sobre o trabalho dos catadores, devido às condições de saúde dos catadores, má remuneração ou ainda por sentimento de vergonha, principalmente por parte dos filhos.

Desse modo, faz-se necessário a desconstrução dos estigmas atribuídos aos catadores de materiais recicláveis, visto o importante papel socioambiental que eles desempenham contribuindo para o bem-estar de toda a sociedade ao colaborarem efetivamente com a preservação do meio ambiente. Destaca-se ainda, o preponderante papel dos educadores na atribuição de novos valores.

8. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Regiane Caetano de. A “cultura do lixo”, seus estigmas e relações com coletores de materiais recicláveis. In: XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-Alas Brasil, 2012, Teresina. **Anais do 15º Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste**. Teresina: UFPI, 2012. Disponível em: <<http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT30-11.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO ALUMÍNIO – ABAL.; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS FABRICANTES DE LATA DE ALTA RECICLABILIDADE – ABRALATAS. **Índice de reciclagem de latas de alumínio no Brasil – 2011**. Disponível em: <

“Uns valorizam, outros discriminam”...

http://www.abralatas.com.br/ba/1947Divulgacao_Indice_Reciclagem_Latas_30outubro2012.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2014.

BESEN, Gina Rizpah. Sustentabilidade dos programas de coleta seletiva com inclusão social: avanços, desafios e indicadores. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2008, Brasília, DF. **Anais do Encontro da ANPPAS**. Brasília, DF, ANPPAS, 2008. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro3/index.html>. Acesso em: 17 out. 2013.

BORTOLI, Mari Aparecida. Catadores de materiais recicláveis: a construção de novos sujeitos políticos. **Katál**. Florianópolis, v. 12, n.1, p. 105-114, jan./jun. 2009.

BRASIL. Lei n. 12.305, 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Lex**: Diário Oficial da União, Brasília, 2 de ago. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm>. Acesso em: 10 dez. 2013.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações – CBO**. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/saibaMais.jsf>>. Acesso em: 02 jan. 2013.

BOSI, Antônio de Pádua. A indústria da reciclagem: a organização capitalista do trabalho dos catadores. **Debates Contemporâneos**. Brasília, DF. Ano XIX, n. 45, jan. 2010.

CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **A questão de gênero nos sindicatos de Presidente Prudente**. 2003. 205 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, São Paulo, 2003.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA A RECICLAGEM – CEMPRE. **Fichas Técnicas**. CEMPRE, 2011. Disponível em: <<http://www.cempre.org.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2013.

COM luta, com garra, o MNCR avança! **De catador para catador**, São Paulo, 4 dez. 2010.

FÉ, Carlos Frederico Cerqueira de Moura.; FARIA, Maurício Sardá de. Catadores de resíduos recicláveis: autogestão, economia solidária e tecnologias sociais. In: ZANIN, Maria; GUTIERREZ, Rafaela Francisconi. (Orgs.). **Cooperativas de catadores: reflexões sobre práticas**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 15-36.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, LTC, 1998.

GONÇALVES, Marcelino Andrade. **O trabalho no lixo**. 2006. 303 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, SP, 2006.

GONÇALVES, Rúbia Cristina Martins. **A voz dos catadores de lixo em sua luta pela sobrevivência**. 2005. 134 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Mapa do analfabetismo no Brasil**. 2013. Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B3D805070-D9D0-42DC-97AC-5524E567FC02%7D_MAPA%20DO%20ANALFABETISMO%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA – IPEA. **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável: região nordeste**. Brasília, 2013. 38 p.

JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura.; GONÇALVES, Marilene Parente.; AZEVEDO, Verônica Gonçalves. **A mão que obra no lixo**. Niterói: EdUFF, 2000.

MACIEL, Fabrício.; GRILLO, André. O trabalho que (in)dignifica o homem. In: SOUZA, Jessé. (Org.), **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 241-277.

MAGERA, Márcio Conceição. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. 2. ed. Campinas, SP: Átomo, 2005.

MEDEIROS, Luiza Ferreira Rezende de.; MACÊDO, Kátia Barbosa. Catador de materiais recicláveis: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**, v.18, n.2, p.62-71, mai/ago, 2006.

MIURA, Paula Orchúcci.; SAWAIA, Barder Burihan. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade**, 25(2), p. 331-341, 2013.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS – MNCR. **Mulheres são a maioria entre catadores de materiais recicláveis**. 2013. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/box_2/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>. Acesso em: 27 dez. 2013.

OLIVEIRA, Cristiano Benites. A vida em baixo da reciclagem: disparidades entre os significados de uma mesma questão social. In: 33º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2009, Caxambu, MG. **Anais eletrônicos...** Caxambu: ANPOCS, 2009. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=269&Itemid=412>. Acesso em: 5 abr. 2013.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. **Desigualdade de gênero en el mercado laboral: dos passos hacia adelante, uno hacia atrás**. Genebra, 2012. Disponível em: <http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_195455/lang--es/index.htm>. Acesso em: 06 mar. 2014.

PINHEL, Julio Ruffin.; ZANIN, Maria.; MÔNACO, Graziela Del. Catador de resíduos recicláveis: um perfil profissional em construção. In: ZANIN, Maria; GUTIERREZ,

“Uns valorizam, outros discriminam”...

Rafaela Francisconi. (orgs.). **Cooperativas de catadores: reflexões sobre práticas**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 52-101.

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. “No meio e misturado”: o moreno como identificação de cor entre estudantes de uma escola pública. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 15, n. 1, jan./abr. 2010. p. 67-77.

ROLIM. Renata Souza.; MASSENA DE MELO, Maria de Fátima. A “inclusão” social dos/as catadores/as de materiais recicláveis por meio da informalidade. In: X Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão (JEPEX) da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Recife, Garanhuns, Serra Talhada. Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, 2010, Recife. **Anais da JEPEX 2010**. Recife: ADALTECH, 2010. CD-ROM.

_____. Renata Souza.; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis na luta contra a incineração. In: Seminário Internacional Cidade e Alteridade: Convivência Multicultural e Justiça Urbana, 2012, Belo Horizonte. **Anais** (no prelo). Belo Horizonte: Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

_____. Renata Souza.; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano.; FERNANDES, Raquel de Aragão Uchôa. Catação de materiais recicláveis como alternativa de trabalho: um estudo com catadoras de uma cooperativa na Região Metropolitana do Recife. In: II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades: Globalização e Interdisciplinaridade, 2013, Belo Horizonte. **Anais do II CONINTER**. Belo Horizonte: CONINTER, 2013. Disponível em: < www.2coninter.com.br/artigos/pdf/677>. Acesso: 04 nov. 2013.

SANTOS, Gemelle Oliveira.; SILVA, Luiz Fernando Ferreira da. Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador. **Revista Mal Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 689-716, jun. 2009.

SISTEMA PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO – Sistema PED. **Os negros nos mercados de trabalhos metropolitanos**. 2013. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/analisePED/2013/2013pednegrosmet.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

WIRTH, Ioli Gewehr. Trabalho e gênero em cooperativas de triagem de resíduos sólidos. In: ZANIN, Maria.; GUTIERREZ, Rafaela Francisconi. (Orgs.). **Economia solidária: tecnologias em reciclagem de resíduos para geração de trabalho e renda**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 102-135.